

Autobiografia de um Surdo: revelações sobre necessidades educacionais

A Deaf Student's Autobiography: Understanding Educational Needs

Cristiane Batista do Nascimento¹, Arthur Gois do Nascimento²

¹ <https://orcid.org/0000-0003-1973-0583>, Universidade de Brasília,

cristiane.nascimento@unb.br, ² <https://orcid.org/0009-0007-2401-1512>, Universidade de Brasília

RESUMO

Este relato de experiência, vinculado à área da Educação Bilíngue de Surdos, teve como objetivo apresentar a autobiografia de um estudante universitário surdo e analisar como sua narrativa evidencia as especificidades educacionais desse público. A experiência ocorreu em uma disciplina de português como segunda língua (L2) exclusiva para surdos, em que cinco estudantes produziram autobiografias, sendo uma escolhida para análise detalhada. O exercício de escrita favoreceu o engajamento e a motivação dos alunos ao longo do semestre. Ademais, revelou necessidades educacionais dos surdos, como: língua de sinais como L1, português escrito como L2, materiais didáticos adaptados, visualidade, ambientes bilíngues e intérpretes de Libras.

Palavras-chave. Autobiografia; Português como Segunda Língua; Educação Bilíngue de Surdos.

ABSTRACT

This experience report, situated within the field of Bilingual Deaf Education, aimed to present the autobiography of a deaf university student and analyze how the narrative highlights the educational specificities of this group. The experience took place in a course on Portuguese as a Second Language (L2) designed exclusively for deaf students, in which five participants produced autobiographical texts, one of which was selected for detailed analysis. The writing task fostered student engagement and motivation throughout the semester. Furthermore, it revealed the educational needs of deaf learners, such as sign language as L1, written Portuguese as L2, adapted teaching materials, visuality, bilingual learning environments, and the provision of Libras interpreters.

Keywords. Autobiography; Portuguese as a Second Language; Bilingual Deaf Education.

1. INTRODUÇÃO

Este relato discute uma experiência desenvolvida em uma turma de português escrito, destinada a estudantes surdos do ensino superior, na Universidade de Brasília (UnB), no curso de Letras – Língua de Sinais Brasileira e Português como Segunda Língua (LSB – PSL).

Com o intuito de estimular a participação ativa dos estudantes e a produção de textos em português, foi proposta a atividade “Descoberta da surdez”, na qual deveriam escrever um relato narrativo sobre como descobriram sua surdez. Após a realização dessa tarefa, observou-se maior engajamento da turma.

Em seguida, os discentes foram consultados sobre o interesse em escrever suas autobiografias, e a adesão foi unânime.

Neste relato, apresentamos a autobiografia de um estudante da disciplina e analisamos o que sua narrativa evidencia sobre a educação de surdos. A questão central é: o que a autobiografia de um estudante surdo revela sobre suas necessidades educacionais?

O objetivo do trabalho desenvolvido é apresentar a trajetória de um estudante surdo do seu nascimento à universidade e, a partir do seu relato autobiográfico, identificar suas necessidades educacionais e estimular a escrita com vistas à publicação, inspirando outros surdos a compartilharem suas histórias.

Por fim, o estudo reafirma a relevância da educação bilíngue para surdos, com o ensino do português escrito como L2, e evidencia o papel central da língua de sinais no processo educativo e na comunicação efetiva entre professores e estudantes.

2. MÉTODO

O estudo foi de natureza experimental com abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada no componente curricular Leitura e Produção de Textos Escritos em Português 2, disciplina do 2º nível do curso de Letras – Língua de Sinais Brasileira e Português como Segunda Língua. A experiência foi realizada no 2º/2024 da UnB, em uma turma composta exclusivamente por cinco estudantes surdos matriculados nessa disciplina.

Para a elaboração das narrativas autobiográficas, os estudantes seguiram algumas etapas a serem descritas a seguir:

(i) Orientações para escrita de narrativa autobiográfica; (ii) Organização de eventos da vida em uma linha do tempo, da gestação ou nascimento até o dia em que passou na UnB; (iii) Busca de informações sobre suas raízes: documentos, diagnósticos, fotografias etc.; (iv) Criação da árvore genealógica; (v) Entrevista a familiares, amigos e professores; (vi) Análise dos filmes *Black* (2005) e *o Milagre de Anne Sullivan* (2000); (vii) Leitura da autobiografia de Helen Keller e (viii) Seleção de momentos da vida para registrar na autobiografia.

Um dos estudantes manifestou o desejo de fazer as correções para publicar a sua narrativa autobiográfica que será apresentada no resultado desse estudo. A Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 6 n.1, p. 1-14, 2025.
<https://doi.org/10.18227/2675-3294repiv6i1.8830>

análise da autobiografia apresentada neste relato de experiência foi escrita pelo co-autor desse estudo. A técnica utilizada foi a análise de narrativas. Buscou-se no relato do estudante episódios relacionados a sua vida escolar e acadêmica, em que evidenciam as suas especificidades educacionais.

A seguir, apresentamos a narrativa do estudante surdo Arthur. Em seguida, procedemos à análise de trechos que evidenciam necessidades educacionais de estudantes surdos.

Minha História Autobiográfica

Nascimento e Família

Nasci no dia 4 de agosto de 1989, às 8h20 da manhã, no Hospital Santa Luzia, localizado na Asa Sul, em Brasília. Minha mãe, Adaíres, passou por uma cesariana, mas tudo correu bem e eu nasci saudável, pronto para escrever minha história.

Meu pai, Alfredo, estava ansioso para me conhecer. Desde o primeiro momento, ele foi um pai coruja, sempre atento, zeloso, cheio de orgulho e amor. Sua felicidade era visível para todos, e ele sempre fez questão de estar presente na minha vida.

Três dias depois, meus pais me levaram para casa, onde tive um encontro muito especial: conheci minha irmã, Thaís, que na época tinha 7 anos. Ela me segurou no colo, sentada no sofá, cheia de carinho e cuidado. Minha mãe, emocionada, registrou esse momento com uma foto. Foi um instante inesquecível para nossa família, marcado por amor e alegria.

Uma pessoa muito especial na minha vida foi minha avó, Iraci. Ela era minha fortaleza, meu abrigo. Quando chegamos em casa, foi ela quem me recebeu no colo e, desde então, se tornou minha cuidadora. Ela trocava minhas fraldas, me dava leite, escolhia minhas roupinhas e me enchia de carinho. Nossa conexão era forte, pois morávamos juntos desde o meu nascimento. Ela cuidou de mim até meus 25 anos. Até que, em 2015, infelizmente, minha avó faleceu após enfrentar graves problemas de saúde. Sua ausência é um vazio que nunca se preenche por completo. Em maio de 2025, completam-se 10 anos de sua partida, mas sua presença segue viva em cada lembrança, em cada ensinamento. A saudade que sinto dela é enorme, mas cada dia é uma lembrança do amor que compartilhamos. Sempre fui o neto

mais próximo dela e guardo todas essas memórias com muito carinho. Seu amor é chama que jamais se apagará dentro de mim.

Infância e Família Materna

Na minha infância, minha família materna era muito unida. Frequentávamos muito as casas uns dos outros, e sempre que possível, havia encontros aos finais de semana, nos feriados e durante as férias. Esses momentos de união foram muito especiais e marcaram minha infância de maneira significativa. Estar com meus tios, tias, primos e avós sempre foi um grande prazer, e as lembranças desses encontros são muito queridas para mim. Essa proximidade fortaleceu ainda mais os laços familiares, e muitos desses momentos continuam vivos na minha memória.

Infância e Descoberta da Surdez

Aos 2 anos de idade, minha audição começou a diminuir naturalmente, sem que ninguém percebesse. Tudo aconteceu de maneira inesperada, como se o mundo ao meu redor fosse ficando em silêncio sem aviso.

Um dia minha irmã Thaís tentou me chamar, mas sua voz parecia não encontrar caminho até mim. Ela insistiu, chamou de novo, mas eu continuei imerso em meu próprio universo, alheio ao som. Aquilo a inquietou, pois era como se eu estivesse distante, mesmo estando tão perto. Sem entender o que acontecia, ela correu até a cozinha para contar à minha mãe.

No início, minha mãe não acreditou, mas Thaís insistiu e a trouxe até onde eu estava. Minha irmã, determinada a entender o que se passava, pegou duas tampas de panela e bateu uma contra a outra, produzindo um barulho estridente. Mas, para mim, o mundo permaneceu em silêncio. Continuei brincando no chão, sem demonstrar nenhuma reação.

Naquele instante, minha mãe sentiu o coração apertar. Um turbilhão de dúvidas e medo tomou conta dela. Desesperada, ela ligou para o meu pai, e os dois decidiram me levar ao médico, na esperança de encontrar respostas. Após exames e avaliações, veio o diagnóstico que mudaria nossas vidas: eu era surdo.

Minha mãe chorou, sem saber o que fazer. Ela se perguntava como seria o meu futuro e como eu poderia me comunicar. Mas, em meio às incertezas, surgiu uma esperança. Meu tio Adailton, ao saber da notícia, fez uma promessa: faria de tudo para me ajudar a encontrar meu caminho. Com muito esforço, contratou um plano de saúde para que eu tivesse acesso a exames, fonoaudiologia e outros

tratamentos necessários. Além dele, minha tia Janine também esteve sempre ao meu lado, oferecendo apoio e cuidando de mim. Com meus pais, tios e minha irmã ao meu lado, não caminhei sozinho. Juntos, enfrentamos cada desafio, transformando o silêncio em uma nova forma de escutar o mundo – não pelos ouvidos, mas pelo olhar, pelo toque e, principalmente, pelo coração.

Em casa, a comunicação sempre foi oral e com gestos, pois minha família não sabe Libras. Eles entendem minha voz porque se acostumaram com ela desde pequeno. Sou o único surdo da família. Percebi que era diferente quando entrei na Escola Classe 05 do Guará. Foi um choque conviver com ouvintes, mas aprendi que isso faria parte da minha vida e do meu crescimento.

Tratamento e Educação

Meu tratamento começou cedo. Sempre preocupado com o meu futuro, meu tio Adailton trouxe uma luz para meus pais ao falar sobre uma escola especializada: o Centro Educacional da Audição e Linguagem Ludovico Pavoni (CEAL-LP). Esse lugar poderia guiar meus primeiros passos na educação e na adaptação à surdez.

Em 1991, quando eu tinha apenas 2 anos, meus pais me levaram para conhecer o CEAL-LP. A escola não era apenas um espaço de aprendizado, mas uma porta que se abria para um novo mundo. Lá, eu teria acesso a um aparelho auditivo e ao suporte especializado que me ajudaria a trilhar meu caminho na comunicação.

Nesse processo, conhecemos o Padre José, diretor da escola na época. Ele acolheu minha família com carinho e orientação, com sua presença gentil e sábia, tornou-se fundamental para a minha adaptação ao ambiente escolar, mostrando que o aprendizado não estava apenas nos sons, mas também nos gestos, nos olhares e na dedicação de quem acredita no potencial de cada pessoa.

Permaneci no CEAL-LP até 2003. Foi lá que tive meus primeiros contatos com outros surdos e com a Libras. Aprendi a língua de sinais de forma natural, observando colegas e, principalmente, com minha amiga Ana Paula, meu primeiro contato marcante com a língua de sinais. O CEAL-LP foi a base da minha educação e do meu desenvolvimento social, embora também tivesse momentos difíceis.

No CEAL-LP, conheci outro padre que se tornou diretor da escola. Era exigente, gordinho, de cabelos brancos e já calvo em parte da cabeça, usava óculos e tinha um comportamento severo. Muitas vezes não gostávamos de sua rigidez,

pois não aceitava erros e aplicava castigos, como me obrigar a comer alimentos que eu rejeitava ou me retirar da sala. Muitos surdos carregam traumas dessas experiências. Ainda assim, sua presença marcou a história da instituição e, de certa forma, contribuiu para o nosso desenvolvimento.

CEAL e o Início da Educação

Minha jornada educacional começou na creche Bebezinho, localizada perto da minha casa, onde estive dos primeiros meses até os 2 anos de idade. Ali tive minhas primeiras experiências em ambiente escolar, convivendo com outras crianças, aprendendo noções básicas e iniciando meu processo de socialização.

Porém, foi no CEAL que minha vida ganhou novas cores e caminhos. Ao entrar no jardim de infância, mergulhei em um universo onde a comunicação acontecia de maneira diferente, mas não menos rica. Lá, tive minhas primeiras experiências com outras crianças surdas, encontrei minha primeira amiga surda, Ana Paula. Desde pequenos, nos tornamos melhores amigos, e nossa amizade se fortaleceu ao longo dos anos. Estávamos sempre juntos na mesma sala, compartilhando aprendizados e desafios. Mesmo depois de muitos anos, nossa amizade continua, uma lembrança viva de que o verdadeiro vínculo não se desfaz com o tempo.

Meus Tios: Adailton e Janine

Meu tio Adailton e minha tia Janine sempre estiveram presentes em minha vida, cuidando de mim com carinho e dedicação. Com eles, passei fins de semana em sua casa, viagens pelo Nordeste e dias de praia ao lado dos meus primos Bárbara e Gabriel, experiências que marcaram minha infância. Esse convívio fortaleceu nossos laços e, sobretudo, me deu forças para seguir em frente, certo de contar com uma família incrível ao meu lado.

Trajetória Educacional e Profissional

No CEAL, estudei até a 2^a série, mas o Padre José exigia que eu frequentasse duas escolas ao mesmo tempo. De manhã, eu estudava na Escola Classe 05 do Guará, em uma turma de ouvintes. Eu era o único surdo da sala e, na época, não havia intérprete. À tarde, ia para o CEAL - LP, onde recebia apoio dos professores para acompanhar as lições de casa e reforçar os conteúdos escolares.

Em 1997, fui para a Escola Classe 05 do Guará, estudei da 2^a até a 4^a série do ensino fundamental. Como essa escola não oferecia a 5^a série, minha mãe me

matriculou no Centro Educacional 04 do Guará, onde cursei do 5º ano até o 3º ano do ensino médio.

Foi um choque sair do ambiente bilíngue do CEAL-LP para uma escola só de ouvintes. Chorava, tinha medo e não entendia os professores. A professora Alcione tentava me ajudar com leitura labial, mas eu não comprehendia nada. Não havia intérprete em nenhuma fase da minha vida escolar.

A minha sorte foi ter uma colega CODA, filha de pais surdos, que estudou comigo da 5ª série até o fim do Ensino Médio. Ela foi essencial para que eu conseguisse acompanhar os conteúdos. Apesar das dificuldades, também tive momentos bons, como participar de gincanas e brincadeiras com colegas ouvintes, que me ajudaram a me sentir parte do grupo.

No CEAL aprendi muitas coisas novas e participei de diversas atividades, como aulas, teatro, natação, religião e gincanas. Sempre me destaquei na natação, chegando a ganhar várias competições.

Em 1998, enfrentei dificuldades com a língua portuguesa. Minha professora, Lucilene, percebeu isso e escreveu uma carta para minha mãe, alertando sobre minha estrutura de escrita. Com o apoio dela e de outros professores, minha mãe tomou uma iniciativa incrível: espalhou palavras pela casa para que eu aprendesse o nome dos objetos, me deu gibis e incentivou a leitura de filmes legendados. Aos poucos, fui evoluindo e, para minha surpresa, acabei me apaixonando pela escrita do português.

No ano 2000, fiz minha Primeira Eucaristia ao lado de colegas surdos do CEAL, um momento especial em minha trajetória. Em 2003, precisei deixar o CEAL porque meus pais não conseguiam mais conciliar seus horários de trabalho com os meus estudos. A partir daí, passei a estudar somente em escolas de ouvintes, sem o suporte de intérpretes. Isso significou aprender sozinho, enfrentando novos desafios diariamente.

Minha primeira experiência profissional veio ainda no ensino médio. Fiz um estágio no Superior Tribunal de Justiça (STJ), onde trabalhei por três anos, até concluir os estudos em 2007. Depois, passei por diversos empregos até decidir ingressar na faculdade de Design de Interiores no Centro Universitário Planalto do Distrito Federal - UNIPLAN, em 2013. Escolhi esse curso porque sempre amei

desenhar e decoração. Foi a primeira vez na vida que tive intérpretes, e isso mudou minha trajetória acadêmica.

Fiz muitos amigos, alguns interessados em aprender Libras, e eu mesmo os ensinava. Conseguí me formar em 2015, e mesmo não tendo seguido na área, guardo lembranças muito boas dessa experiência.

Viagem Internacional e Aprendizado Financeiro

Após anos de planejamento financeiro e trabalho árduo, realizei um grande sonho: viajar para fora do Brasil. Minha primeira viagem internacional foi para a Alemanha, de onde explorei diversos países da Europa. Cada parada foi uma oportunidade de conhecer novas culturas, experimentar comidas típicas e aprender sobre histórias e tradições diferentes.

Na Alemanha e em outros países, me comunicava escrevendo em papel ou no celular, usando o google tradutor, um pouco do alemão escrito e também com gestos. Um episódio marcante foi dentro de uma loja: a atendente falava comigo e eu não sabia como responder. Escrevi no celular e consegui me comunicar. Outro desafio foi sair sozinho para explorar a cidade sem minha tia, que estava trabalhando. Conseguí me orientar e voltar em segurança.

Administrar meu próprio dinheiro foi outro aprendizado importante. Planejar hospedagem, alimentação e transporte exigiu disciplina e atenção a cada detalhe. A experiência me ensinou autonomia, coragem e maturidade, mostrando que, com esforço e determinação, é possível conquistar sonhos e enfrentar o mundo com independência.

Carreira Acadêmica e Profissional

Em 2021, comecei a trabalhar como professor de Libras na catequese da Igreja Catedral. Foi ali que me encontrei como educador, e duas alunas ouvintes, sensíveis e com visão de futuro, incentivaram-me a seguir a carreira acadêmica. Seus estímulos soaram como um chamado e, em 2023, fiz o vestibular para Letras – Língua de Sinais Brasileira e Português como Segunda Língua da UnB (LSB-PSL), sendo aprovado na primeira chamada.

Na universidade, descobri novas possibilidades e despertou-se meu interesse pela surdocegueira, área que decidi explorar com empenho. Meu objetivo é seguir com mestrado e doutorado, aprofundando-me em algo que hoje é minha verdadeira paixão.

Recentemente, duas professoras me disseram que eu posso o perfil acadêmico para atuar como professor universitário. Essas palavras se tornaram combustível para minha caminhada, motivando-me a avançar com confiança e determinação.

Minha trajetória, marcada por desafios e superações, moldou quem sou hoje e mostrou que, mesmo diante das dificuldades, sempre há um caminho a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes de analisar a autobiografia selecionada, é relevante mencionar as observações resultantes da tarefa proposta em sala de aula. Destacamos a motivação dos estudantes surdos em escrever, ao buscarem detalhes de suas vidas, entrevistarem professores das escolas que frequentaram, recuperarem documentos médicos, desenhos feitos na infância e relembrarem suas experiências escolares. Esse processo possibilitou também a tomada de consciência sobre os desafios enfrentados e as dificuldades superadas por serem surdos em um mundo ainda marcado pela pouca acessibilidade linguística. Além disso, refletimos sobre como a história de cada um pode servir de inspiração e motivação para muitas outras pessoas na resolução de problemas e na superação de obstáculos.

No relato autobiográfico do universitário surdo foram identificadas necessidades educacionais do público surdo, que têm início no berçário e se estendem por toda a vida. A esse respeito, a Lei nº 14.191/2021, Capítulo V-A, § 2º, estabelece: “A oferta de educação bilíngue de surdos terá início ao zero ano, na educação infantil, e se estenderá ao longo da vida.”.

As necessidades educacionais de estudantes surdos sinalizantes abrangem: a língua de sinais como primeira língua (L1) e meio de instrução; o ensino do português e de outras línguas orais, prioritariamente, em sua modalidade escrita; a disponibilização de materiais didáticos adaptados ou diferenciados em relação aos utilizados por aprendizes ouvintes; o uso da visão e da visualidade como a principal fonte de apreensão do conhecimento; a garantia de ambientes de aprendizagem bilíngues; e a acessibilidade linguística por meio da atuação de tradutores e intérpretes de Libras. Na sequência, apresentamos trechos da autobiografia do estudante surdo que confirmam tais demandas educacionais.

Quanto à aquisição da L1 por pessoas surdas, Quadros (1997, p. 84) afirma que “a LIBRAS é adquirida pelos surdos brasileiros de forma natural mediante contato com sinalizadores, sem ser ensinada, consequentemente deve ser sua primeira língua.” A experiência narrada confirma a aquisição da língua de sinais de modo espontâneo: *“Aprendi a língua de sinais de forma natural, observando colegas e, principalmente, com minha amiga Ana Paula, meu primeiro contato marcante com a língua de sinais.”* (Arthur 1 – Autobiografia).

O excerto *“A professora Alcione tentava me ajudar com leitura labial, mas eu não comprehendia nada”* (Arthur 2 – Autobiografia) revela uma realidade recorrente entre surdos sinalizantes: a dificuldade, quando não a impossibilidade, de compreender a língua oral por meio da leitura labial.

No que se refere ao português como segunda língua para surdos, Quadros (1997, p. 84) afirma: “A necessidade formal do ensino da língua portuguesa evidencia que essa língua é, por excelência, uma segunda língua para a pessoa surda”, sendo ensinada prioritariamente em sua modalidade escrita. A autobiografia do estudante confirma essa realidade, relatando dificuldades iniciais com o português: *“Em 1998, enfrentei dificuldades com a língua portuguesa. Minha professora, Lucilene, percebeu isso e escreveu uma carta para minha mãe, alertando sobre minha estrutura de escrita.”* (Arthur 3 – Autobiografia). Situações vivenciadas em outros países também reforçam a escrita como principal meio de comunicação: *“Na Alemanha e em outros países, me comunicava escrevendo em papel ou no celular, e também com gestos. [...] Escrevi no celular e consegui me comunicar.”* (Arthur 4 – Autobiografia). Esses relatos evidenciam que a escrita é ferramenta essencial para aprendizagem e comunicação de surdos.

Em relação aos materiais didáticos específicos ou adaptados, a Lei nº 14.191/2021, art. 79-C, estabelece que a União deve apoiar a educação bilíngue e intercultural para comunidades surdas, incluindo a elaboração sistemática de materiais didáticos bilíngues, específicos e diferenciados (Inciso IV). A autobiografia confirma essa necessidade: *“Minha mãe tomou uma iniciativa incrível: espalhou palavras pela casa para que eu aprendesse o nome dos objetos, me deu gibis e incentivou a leitura de filmes legendados.”* (Arthur 5 – Autobiografia). O relato evidencia a importância de materiais visuais e adaptados, reforçando a

necessidade de estratégias pedagógicas diferenciadas para ensinar o português escrito como L2.

A visualidade é um aspecto central na educação bilíngue de surdos. Campello (2008), em sua tese, destaca a importância da visualidade como processo fundamental no ensino-aprendizagem do sujeito surdo. A autobiografia reforça essa perspectiva, evidenciando como o sentido da visão orienta sua aprendizagem. Ele relata: *“Com meus pais, tios e minha irmã ao meu lado [...] enfrentamos cada desafio, transformando o silêncio em uma nova forma de escutar o mundo não pelos ouvidos, mas pelo olhar [...]”* (Arthur 6 – Autobiografia). O relato reforça que o aprendizado de surdos depende da visualidade como canal privilegiado de acesso ao conhecimento.

No que se refere à educação bilíngue de surdos, a Lei nº 14.191/2021, Capítulo V-A, Art. 78-A, estabelece como um de seus objetivos “garantir aos surdos o acesso às informações e conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades surdas e não surdas”. Essa determinação reforça a importância de ambientes educacionais que assegurem o acesso ao conhecimento. O relato ilustra, de forma contundente, os impactos da ruptura desse modelo. Ele narra: *“Foi um choque sair do ambiente bilíngue do CEAL-LP para uma escola só de ouvintes. Chorava, tinha medo e não entendia os professores.”* (Arthur 7 – Autobiografia). Essa experiência traduz o que ocorre quando o estudante surdo é inserido em um contexto monolíngue em língua oral.

Outro fragmento da narrativa aprofunda essa vivência: *“Eu estudava na Escola Classe 05 do Guará, em uma turma de ouvintes. Eu era o único surdo da sala e, na época, não havia intérprete. À tarde, ia para o CEAL - LP onde recebia apoio dos professores para acompanhar as lições de casa e reforçar os conteúdos escolares.”* (Arthur 8 – Autobiografia).

Nesse trecho, observa-se a clara sobrecarga vivida pelo estudante, que precisava recorrer a reforços paralelos para suprir a falta de acessibilidade em sala de aula regular.

Essa análise nos leva a compreender que manter os surdos em espaços bilíngues especializados não configura segregação, mas sim respeito às suas especificidades linguísticas e cognitivas. Tais ambientes reconhecem que o surdo não adquire naturalmente uma língua oral. Logo, negar esse direito é impor

barreiras à aprendizagem; garantir o bilinguismo, por outro lado, significa efetivar um princípio de equidade educacional.

O Decreto nº 5.626/2005, capítulo IV, Art. 14, § 1º, determina que, para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no caput, as instituições federais de ensino devem prover as escolas com tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa. Essa previsão legal encontra ressonância direta no relato autobiográfico analisado, em que o estudante evidencia tanto as dificuldades enfrentadas em contextos educacionais sem acessibilidade quanto os avanços possibilitados pela presença de intérpretes. O fragmento “[...]precisei deixar o CEAL [...] passei a estudar somente em escolas de ouvintes, sem o suporte de intérpretes. Isso significou aprender sozinho, enfrentando novos desafios diariamente” (Arthur 9 – Autobiografia) ilustra o impacto negativo da ausência desses profissionais. Em contrapartida, a afirmação “a primeira vez na vida que tive intérpretes, e isso mudou minha trajetória acadêmica” (Arthur 10 – Autobiografia) demonstra o efeito transformador da acessibilidade linguística garantida pela legislação.

Ainda que a narrativa não detalhe minuciosamente os benefícios do trabalho do intérprete de Libras, torna-se claro que sua atuação foi fundamental para a permanência e o desenvolvimento acadêmico do estudante surdo no ensino superior. Além disso, o relato revela como, na ausência de políticas efetivas de acessibilidade, o apoio comunicativo ocorreu de maneira informal, como exemplifica a memória: “A minha sorte foi ter uma colega CODA, filha de pais surdos, que estudou comigo da 5ª série até o fim do Ensino Médio. Ela foi essencial para que eu conseguisse acompanhar os conteúdos.” (Arthur 11 – Autobiografia).

Desse modo, a experiência autobiográfica analisada evidencia a importância da implementação efetiva do Decreto nº 5.626/2005 e da Lei nº 14.191/2021 para garantir equidade no processo de escolarização e inclusão acadêmica de estudantes surdos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas permitem responder à pergunta de pesquisa: O que a autobiografia de um estudante surdo revela sobre suas necessidades educacionais? O relato evidencia que estudantes surdos sinalizantes necessitam do reconhecimento da língua de sinais como L1 e língua de instrução, bem como do

ensino do português escrito como L2. Também apontam a importância de materiais didáticos adaptados, do uso da visão e da visualidade como recursos centrais de aprendizagem, da construção de ambientes bilíngues e da presença constante de tradutores e intérpretes de Libras para assegurar a acessibilidade linguística. Tais aspectos confirmam que uma educação bilíngue para surdos deve considerar não apenas as barreiras enfrentadas, mas também as estratégias que potencializam seu processo de aprendizagem.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 14 set. 2025.

BRASIL. LEI nº 14.191, de 03 de agosto de 2021. Dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm. Acesso em: 14 set. 2025.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. Aspectos da visualidade na educação de surdos. Tese (doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91182>. Acesso em 14 de set. 2025.

QUADROS, Ronice Muller de. Educação de Surdos: A aquisição da linguagem. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 1997. 126p.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 196p.

SOBRE OS AUTORES

Autor 1. Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília, com doutorado sanduíche na *Gallaudet University* (EUA). Atua como professora do Instituto de Letras da UnB e coordenou o curso de Letras – Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua (LSB-PSL).

Autor 2. Graduando em Letras: Libras/Português como Segunda Língua (UnB).
Bolsista do PIBID-UnB e voluntário do PIBIC/CNPq, com pesquisas voltadas à educação inclusiva, surdocegueira e ensino bilíngue.

PARA CITAR ESTE ARTIGO:

NASCIMENTO, C. B. do .; NASCIMENTO, A. G. do . Autobiografia de um Surdo: revelações sobre necessidades educacionais. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2025. DOI: 10.18227/2675-3294repiv6i1.8830.

Submetido em: 30/09/2025

Revisões requeridas em: 15/10/2025

Aprovado em: 30/10/2025